

## A VIDA EM COMUNIDADE

### Canudos e o Quilombo de Kaonge



Parque Estadual de Canudos 24/07/2025

Este relatório narra minha experiência em dois lugares do interior da Bahia: o Parque Estadual de Canudos e o Quilombo de Kaonge. A viagem começou com nossa chegada ao município de Canudos, nas primeiras horas da manhã. Fomos diretamente para a FLICAN (Feira Literária Internacional de Canudos), onde participamos de uma programação diversificada que incluiu exposições sobre o Sertão, palestras sobre história, literatura, fotografia, além de apresentações de artesanato local. A feira estava muito bem organizada e nos ofereceu uma imersão rica na cultura sertaneja.

Antes da visita ao Parque Estadual, assistimos ao filme *A Guerra de Canudos*, que contextualiza o massacre ocorrido no arraial de Canudos no final do século XIX. O filme serviu como introdução para compreendermos melhor os eventos históricos e o significado simbólico do lugar.

Após o almoço, seguimos para o Parque Estadual de Canudos, onde fomos recebidos por uma paisagem de tons terrosos, típica da caatinga. Apesar da fama de região árida, encontramos uma lagoa no local, e a paisagem estava menos seca do que imaginávamos, contrariando imagens veiculadas frequentemente na literatura e no cinema.

O momento mais impactante foi a declamação de um poema pelo poeta José Américo Amorim, realizada no solo de seus antepassados. Ao lado

dele traduzindo ao alemão, estava o professor de literatura Christopher Laferl, organizador da excursão. No poema, Amorim narrou histórias do Arraial de Canudos transmitidas oralmente por seus antepassados — relatos que não costumam aparecer nos livros de história. Diferente da abordagem do filme, seu discurso ressaltou os valores comunitários e humanos do povo de Canudos, como a solidariedade, a resistência e o cuidado com o próximo: “Não precisa de palavras bonitas para defender Canudos (...) Um pequeno gesto, como acolher alguém tremendo de frio, já o torna um conselheirista.”

Para ele, o principal legado da comunidade era o serviço ao próximo, como forma de vida. O poeta também compartilhou reflexões sobre a repressão sofrida por Canudos, afirmando que sua proposta de uma economia autossustentável e independente contrariava os interesses dos fazendeiros e da elite republicana. Ele estimou que cerca de 25 mil pessoas viviam na comunidade, sustentando-se com produção própria de alimentos como cana-de-açúcar, mandioca e legumes. O medo das elites diante dessa organização coletiva levou ao massacre, já que a existência de Canudos representava uma ameaça à exploração tradicional da mão de obra local.



Parque Estadual de Canudos 24/07/2025

Ainda no parque, vimos o cruzeiro, doado em 1945 por Vó Isabel erguido em homenagem os que morreram na luta e na resistência em Canudos. Também observamos vários mandacarus, cactos típicos da caatinga.

Em outra etapa da viagem, visitamos o Quilombo de Kaonge, localizado no Recôncavo Baiano e

integrante de uma rota de 18 quilombos da região. A visita foi guiada pelos próprios moradores, o que tornou a experiência ainda mais significativa.

Logo ao chegar, fomos recebidos pela pessoa mais idosa da comunidade, dona Vardé — uma mulher de cerca de 100 anos, que, com impressionante vitalidade, ainda prepara xaropes medicinais com plantas da mata. Tivemos a oportunidade de provar o xarope, utilizado para aliviar dores de garganta. Em seguida, acompanhamos o processo artesanal de produção do óleo de dendê, desde a retirada das fibras das sementes até a finalização do produto. Alguns de nós participaram ativamente dessa atividade. Também vimos o processamento da mandioca. Ambos os alimentos, o dendê e a mandioca são aproveitados de forma integral, resultando em diferentes produtos, tanto para o consumo da comunidade quanto para a comercialização.

Um dos líderes locais nos explicou um projeto recente envolvendo o cultivo e uso de ostras, que tem fortalecido a economia da comunidade de forma justa e sustentável. O que mais me chamou atenção foi o sentimento de coletividade: todos tinham funções claras e colaboravam, não apenas na agricultura, mas também na preservação e divulgação da cultura quilombola. Durante a visita, moradores tocaram instrumentos, cantaram e dançaram conosco. As crianças também participaram das apresentações, o que tornou a experiência ainda mais rica e acolhedora.



Quilombo de Kaonge 19/07/2025

Escolhi reunir essas duas experiências — Canudos e o Quilombo de Kaonge — porque ambas representam formas sustentáveis e coletivas de vida em comunidade, conectadas com a natureza, com os saberes ancestrais e com valores de solidariedade. Não se trata de grupos que se afastam da sociedade por não quererem trabalhar. Muito pelo contrário: são comunidades ativas, produtivas, conscientes de seu papel histórico e cultural. Produzem seus alimentos, seus produtos, sua arte. Vi ali um modo de vida em que não há hierarquia rígida, e a desigualdade de gênero parece ser menor, já que muitas mulheres lideram projetos, estão envolvidas na economia e na educação comunitária.

Falo a partir da minha experiência direta, do que observei, vivi e continuei acompanhando por meio de vídeos no YouTube e redes sociais da comunidade. É claro que não posso afirmar como é a vida de cada indivíduo, mas há algo que me parece evidente: em Canudos, no passado, e nos quilombos do Recôncavo Baiano, no presente, há um forte senso de pertencimento e dignidade. Crianças, adultos e idosos parecem saber que têm valor dentro da comunidade. O individualismo, se existe, é muito menor que nas grandes cidades. Essas experiências me fizeram repensar o que significa viver em sociedade e o que é realmente essencial para uma vida digna e solidária.

